



Estudos e Pesquisas em Psicologia

ISSN: 1808-4281

Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia

Formigosa, Flávio Breno Cruz; Feijoo, Ana Maria Lopez Calvo de
Sobre o Esquecimento: Contribuições de Nietzsche à Clínica Psicológica
Estudos e Pesquisas em Psicologia, vol. 23, núm. 3, 2023, Setembro-Dezembro, pp. 992-1010
Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia

DOI: <https://doi.org/10.12957/epp.2023.79273>

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=451877386011>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais informações do artigo
- Site da revista em redalyc.org

redalyc.org

Sistema de Informação Científica Redalyc
Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal
Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa
acesso aberto

Sobre o Esquecimento: Contribuições de Nietzsche à Clínica Psicológica

Flávio Breno Cruz Formigosa*

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2273-8869>

Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3064-3635>

RESUMO

Neste estudo teórico, retomamos as considerações de Nietzsche sobre a dinâmica do esquecimento no âmbito do exercício da clínica psicológica. Diferentemente de outras concepções em Psicologia, tais como as neuropsicológicas e cognitivo-comportamentais, que adotam o esquecimento como sintoma de doença mental, de alteração nas faculdades cognitivas ou díade antagonista da lembrança, o esquecimento em Nietzsche é pensado também como uma experiência que permite uma rearticulação com a vida: esquecer para poder retomar. Por meio de uma revisão da literatura das obras de Nietzsche, que abordam o tema do esquecimento, faremos uma análise para assim dar visibilidade ao modo como o filósofo compreende o esquecimento na experiência humana. Pelo caminho de pensamento sobre o esquecer anunciado pelo filósofo, aparece uma possibilidade de atuação clínica com bases na fenomenologia e na filosofia da existência, na qual é permitido esquecer para, então, poder retomar a vida livre de débitos e consequentes ressentimentos.

Palavras-chave: Nietzsche, esquecimento, clínica psicológica.

On Forgetfulness: Nietzsche's Contributions to Psychological Clinic

ABSTRACT

In this theoretical study, we return to Nietzsche's considerations on the dynamics of forgetfulness in the context of the exercise of psychological clinic. Unlike other conceptions in Psychology, such as neuropsychological and cognitive – behavioral ones, which adopt forgetfulness as a symptom of mental illness, of alteration in cognitive faculties or antagonistic dyad of remembrance; forgetfulness in Nietzsche is also thought of as an experience that allows a rearticulation with life: forgetting in order to resume. Through a review of the literature of Nietzsche's works, which address the theme of forgetfulness, we will make an analysis to give visibility to the way the philosopher understands forgetfulness in the human experience. Through the path of thought on forgetting announced by the philosopher, a possibility of clinical action based on phenomenology and the philosophy of existence appears, in which it is allowed to forget so that one can then return to life free of debts and consequent resentments.

Keywords: Nietzsche, forgetfulness, clinical psychology.

Sobre el Olvido: Contribuciones de Nietzsche a la Clínica Psicológica

RESUMEN

En este estudio teórico, retomamos las consideraciones de Nietzsche sobre la dinámica del olvido en el contexto del ejercicio de la clínica psicológica. A diferencia de otras concepciones en Psicología, como las neuropsicológicas y cognitivo - conductuales, que adoptan el olvido como un síntoma de enfermedad mental, una alteración en las facultades cognitivas o una diada antagónica del recuerdo; el olvido en Nietzsche es pensado también como una experiencia que permite una rearticulación con la vida: olvidar para poder retomar. A través de una revisión bibliográfica de las obras de Nietzsche que abordan el tema del olvido, analizaremos para así darle visibilidad a la forma en que el filósofo entiende el olvido en la experiencia humana. Por el camino de pensamiento sobre el olvido anunciado por el filósofo, aparece una posibilidad de acción clínica basada en la fenomenología y en la filosofía de la existencia, en la que se permite olvidar para poder volver a la vida libre de deudas y de los consiguientes resentimientos.

Palabras clave: Nietzsche, olvido, psicología clínica.

Neste estudo, pretendemos trazer ao debate questões acerca do esquecimento e as repercussões do esquecer sobre o sofrimento psíquico. Para tanto, queremos pensar o esquecimento para além de uma função cognitiva. Por isso, buscamos tecer um diálogo sobre o tema do esquecimento com o filósofo Friedrich Nietzsche. Isso porque, sem dúvida, o pensador alemão foi o estudioso do tema que muito se dedicou à questão pelo viés da existência em algumas de suas obras.

Cabe ressaltar que a inspiração para o tema deste estudo é resultado de inquietações dos autores durante os atendimentos clínicos em situações de suicídio, nas quais o trauma, ou melhor, o não poder esquecer uma experiência passada, aparecia vinculado ao ter que morrer para poder não mais sofrer, ou seja, não lembrar. A frequência com que tais justificativas apareciam fez nascer o problema a ser investigado: não poder esquecer uma experiência pregressa pode estar intimamente atrelado ao sofrimento?

A metodologia utilizada neste estudo consiste em uma revisão e consequente análise dos textos de Nietzsche que nos dão bases para uma reflexão pormenorizada sobre o tema do esquecimento. Mais especificamente, pretendemos pensar sobre a tarefa clínica e as considerações de Nietzsche sobre o esquecimento como algo da ordem da existência. Por esse caminho, possivelmente, algumas contribuições para a compreensão das diferentes modalidades do esquecer e, sobretudo, do não poder esquecer, se farão presentes no exercício da clínica psicológica existencial, principalmente no que diz respeito às intenções de suicídio. Com este estudo teórico sobre o esquecimento em Nietzsche, pretendemos trazer contribuições para a compreensão desse processo tal como se apresenta na clínica psicológica.

Neste texto, utilizamos o termo *nietzschiano* em caráter puramente didático. De modo algum esse adjetivo deve ser compreendido como uma pretensão de simbolizar uma escola de pensamento advinda do filósofo alemão. *Nietzschiano*, então, significa inspirar-se em Nietzsche recorrendo a sua filosofia e, simultaneamente, não se limitando a ela com um mero gesto de assecla. Paradoxalmente, ‘ser nietzschiano’ talvez seja recusar a alcunha que o próprio vocábulo nietzschiano carrega quando afirma uma continuidade ao legado do pensador, mas que, ainda assim, segue o entusiasmo do livre pensamento – de que em grande medida Nietzsche era defensor.

Para apresentar os nossos argumentos sobre as contribuições da filosofia nietzschiana à tarefa da clínica psicológica com bases fenomenológicas e existenciais, iniciaremos a apresentação deste estudo pela análise dos textos de Nietzsche sobre o tema do esquecimento. Buscaremos também algumas complementações às ideias desenvolvidas nas seguintes obras: *Segunda consideração intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida*

(Nietzsche, 1874/2003); *Humano, Demasiado Humano: um livro para espíritos livres, volume I* (1878/2005); *Assim Falou Zarathustra: livro para toda gente e para ninguém* (Nietzsche, 1883/2018); e *Genealogia da Moral: uma polêmica* (Nietzsche, 1887/2009).

Após a análise da concepção de Nietzsche sobre o esquecimento, serão apresentadas as possíveis contribuições desse conceito para o exercício clínico na psicologia fenomenológico-existencial, uma vez que tal interlocução adveio de atendimentos com pessoas que passaram por tentativas de suicídio. Convém salientar que, apesar do cunho teórico da investigação, o estopim deste estudo surgiu de práticas clínicas.

Esquecimento, Tempo e Criação em Nietzsche

A proposta de Nietzsche é a de conceber o esquecimento como recriação de sentido do humano em sua condição existencial, em que esquecer não se trata apenas de um apagamento mnemônico, mas de um gesto de articulação de sentido que permite a uma experiência ganhar novas apreensões. Em especial para Nietzsche, no esquecer também se pode encontrar a possibilidade de alegria, até mesmo em meio às dores do existir.

Para que a concepção nietzschiana possa ser assumida em uma perspectiva clínica, é preciso que o entendimento de memória possa sustentar-se em pilares para além da perspectiva das ciências modernas, cuja definição de memória é análoga ao processo computacional de acumulação, retenção e evocação de informações de dados (Eysenk & Keane, 2017). Ressaltamos que esquecimento para Nietzsche não é apenas uma faculdade cognitiva, uma determinada característica mental ou resultado de um funcionamento psíquico.

Nietzsche (1887/2009) aponta para a possibilidade de um deslocamento da concepção cientificista de esquecimento: “Esquecer não é uma simples *vis inertiae* [força inercial], como creem os superficiais” (p. 43). Para o pensador, esquecer não se reduz a uma faculdade da essência humana, uma vez que uma concepção essencialista é descartada por ele. Segundo Nietzsche, “não existe ‘ser’ por trás do fazer, do atuar, do devir; ‘o agente’ é uma ficção acrescentada à ação – a ação é tudo” (Nietzsche, 1887/2009, p. 33). Isto é, a existência acontece no fluxo espacial e temporal dos acontecimentos, ou seja, é *ek-sistencia* (Heidegger, 1927/1998). Desse modo, o humano está imerso nas contingências, não sendo, portanto, o responsável primordial por posicionar a ordem dos eventos. Ao ser humano não cabe estar em posição privilegiada em meio ao universo. Em outras palavras, ele é sempre em relação com o mundo que o constitui, como diz Heidegger, é ser-no-mundo, não podendo, portanto,

experienciar o mundo apartado dele mesmo. Dessa maneira, esquecimento no sentido nietzschiano não pode ser entendido como uma espécie de separação ordenada entre uma interioridade – seja biológica ou psíquica – que capta o mundo e um exterioridade alheia pela qual há a interação humana. Esquecimento, para fazer sentido no que Nietzsche estabelece em seus escritos, precisa considerar o caráter randômico e indeterminado do existir. Ele escreve: “ninguém dá ao ser humano suas características, nem Deus, nem a sociedade, nem seus pais e antepassados, nem ele próprio” (Nietzsche, 1889/2014).

Por fim, o esquecimento tal qual pensado por Nietzsche, como pretendemos demonstrar, diz respeito a um modo particular de reordenação de sentido no modo como a temporalidade é apreendida em seu fluxo irrefreável e imprevisível no acontecer da existência. O tempo em Nietzsche (1883/2018) não é compreendido como processo linear, orientado por finalidades escatológicas, éticas ou transcendentais. Em síntese, para o filósofo, viver é estar lançado na inconstância espaço-temporal.

É com a concepção de tempo como fluxo que Nietzsche quer pensar a memória e consequente esquecimento, bem como a transitoriedade humana. Uma vez que tudo muda, a inconstância é o que constitui a existência em sua imanência. Assim sendo, o esquecimento nietzschiano parece indicar a apreensão da temporalidade em seu fluxo irrefreável (Formigosa, 2022). É no instante que se abre a possibilidade da retomada, renovação. Instante que não é uma hora, um minuto ou um segundo: é o irromper de algo que, em seu aparecer, já cede lugar ao novo, isto é, ao devir. Nesse fluxo, por mais que passemos por acontecimentos semelhantes aos de outrora, a experiência sempre será singular. O esquecimento é a entrega à primeira vez; é a possibilidade de ruptura com o ressentimento. Ressentimento entendido como o movimento de não deixar o que passou ir de uma vez. Ressaltamos que deixar o que foi para trás não significa apagamento, uma espécie de amnésia. Esquecer não é apagar mnemonicamente, mas sim, poder rearticular-se com o tempo sem se paralisar no acontecimento passado. Poder encontrar a primeira vez naquilo que vem ao nosso encontro é descobrir o caráter de possibilidade que a clínica de bases fenomenológicos-existenciais busca trabalhar.

Para meditarmos a respeito do esquecimento e da experiência do tempo, analisemos inicialmente a obra *Segunda consideração intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida* (Nietzsche, 1874/2003). Nela, o tema do esquecimento evidencia-se em meio a uma questão bastante específica, a saber: investigar como a história é útil para servir à vida e como pode ser desvantajosa quando se torna um mero “jardim do saber” (Nietzsche, 1874/2003, p. 5). Nietzsche observa que o valor dado à história é mais uma espécie de saber

de prestígio acadêmico e formação moral do que um modo de mostrar a relação humana em seu caráter existencial, ou seja, historicidade.

Deve-se suspender todas as pretensões de verdade sobre a história e investigar suas bases para que, assim, seja possível entender qual orientação segue o saber histórico e como dialoga ou não com a vida. O pensador é direto: “Somente na medida em que a história serve à vida queremos servi-la” (Nietzsche, 1874/2003, p. 5). Nietzsche quer distanciar-se do que nomeia de “vício hipertrofiado” (Nietzsche, 1874/2003, p. 6) de sentido histórico que marca a degradação da época de um povo. Neste aspecto, o pensador está referindo-se ao academicismo e ao pensamento cultural da Europa no século XIX.

Nietzsche (1874/2003), constantemente, expõe seus incômodos com o saber histórico, deixando claro que seu interesse não é propriamente epistemológico. O que é questão central desde os escritos da juventude do filósofo alemão é o grande problema de tomar a experiência como abstrações profundamente teóricas. Por fim, para o filósofo, as abstrações tentam abarcar a vida sem contemplá-la de fato. O saber histórico para Nietzsche não é capaz de apreender o tempo em sua plenitude, isso porque do ponto de vista da experiência humana, o tempo mostra-se como pertencente à ordem da inconstância e da inexistência. Desta maneira, Nietzsche, como filólogo de formação, é conhecedor da transitoriedade que o tempo opera no agir individual e coletivo do humano. Nietzsche (1874/2003) busca pensar a relação do homem com o tempo e a memória de maneira intempestiva, ou seja, “contra o tempo, e com isso no tempo e, esperemos, em favor de um tempo vindouro” (p. 7).

História e memória aparecem para o pensador na *Segunda Consideração* (Nietzsche, 1874/2003) quase como sinônimos, porém Nietzsche parece se referir à memória com ênfase no aspecto particular do humano. Já a história é percebida como algo relacionado à humanidade, em aspecto mais amplo, e à cultura de modo geral. Ainda para Nietzsche, o denominador comum entre história e memória é a noção de temporalidade como algo da ordem do estático, isto é, como se a relação humana com o tempo fosse passível de ser paralisada para que pudesse haver uma rígida metrificação – a tal ponto que poderia haver uma sobreposição entre aquelas divisões temporais: passado, presente e futuro. Ao se valorizar em demasia o passado, existe o risco de ser tomado por ele, como se os mortos enterrassem os vivos (Nietzsche, 1874/2003).

Nietzsche (1874/2003) ressalta que o ensino historicizado do tempo carrega em si, em alguns momentos, um desprendimento com o fluxo da vida. Esses momentos ocorrem quando a reflexão sobre a história busca enrijecer o modo como o viver é entendido. Tal enrijecimento, segundo Nietzsche (1874/2003), reafirma que o tempo é constituído de um

passado, um presente e um futuro. Nesta perspectiva, o fluxo temporal, próprio ao existir, reduz-se aos modos humanos de metrificação temporal. Perde-se o que Nietzsche chama de plasticidade ou força plástica (1874/2003), da qual a essência é a indeterminação, ou seja, animal não-fixado cuja determinação é a tarefa.

O esquecimento é o gesto de apreender o tempo como jogo de forças constantes e inconstantes, isto é, a aliança entre o lembrar e o esquecer, como as forças apolíneas e dionisíacas, que Nietzsche (1872/2007), em sua interpretação sobre a tragédia antiga, defende. De modo que, mesmo ao se apresentarem como uma espécie de antagonismo, o lembrar e o esquecer constituem uma rede de interlocuções que permitem que, diante do mais absurdo do existir, a vida possa constituir novos sentidos. Vida como fenômeno estético é a aposta nietzschiana. Contudo, não é o belo que se almeja, mas o sensível, tal como a etimologia grega de *estética* (*αισθητικός*), ou seja, aquilo que é apreendido pelos sentidos. Nietzsche (1872/2007, p. 53) escreve que só a arte “tem o poder de transformar aqueles pensamentos enojados sobre o horror e o absurdo da existência em representações com as quais é possível viver”.

O esquecimento em Nietzsche aparece inicialmente em suas obras como algo que torna a vida algo tolerável, tal como acontece com a criança que, entregue ao sensível, simplesmente brinca, despreocupada com o que foi e o que pode ser. Enxergamos essa ilustração na *Segunda Consideração Intempestiva* (Nietzsche, 1974/2003) e até mesmo em *Assim Falou Zaratustra* (Nietzsche, 1883/2018), obra esta que, apesar de distante dos escritos da juventude do pensador, preserva na figura da criança a importância de devir.

Ao acompanharmos as analogias de Nietzsche, podemos depreender que a criança é aquela que briga com um amigo, convertendo-o em inimigo, mas logo depois esquece o motivo da briga e já está nos abraços do mais uma vez amigo, sem guardar rancor ou ressentimentos. A criança é aquela que não se prende às preocupações exorbitantes ou expectativas a longo prazo, como quando em um passeio, pede um brinquedo aos pais e estes, para se desvencilhar, dizem que na volta compram... nunca compram, e a criança nunca lembra de cobrar.

Quando Nietzsche aborda o esquecimento, ele quer sobressaltar suas vantagens que, apesar de não anularem os empecilhos da vida, podem torna-los mais toleráveis. Em *Assim Falou Zaratustra* (Nietzsche, 1883/2018), a memória aparece relacionada a outro conceito fundamental de Nietzsche, a vontade de poder. Esta, segundo o pensador, constitui-se como a própria existência sempre em expansão, movimento, valoração, destruição e criação. Vontade não como sinônimo de desejo que quer algo, mas como movimento da vida em constante

transbordamento de indeterminação. “Apenas onde há vida há também vontade: mas não vontade de vida, e sim – eis o que te ensino – vontade de poder!” (Nietzsche, 1883/2018, p. 111). Se mundo e seres humanos são também essa vontade em movimento, a transitoriedade atravessa a todos, logo, “A vontade não pode querer para trás” (Nietzsche, 1883/2018, p. 135). A memória articula-se com a vontade de poder na medida em que precisa ser concebida como fluidez afirmadora do devir. Todo ressentimento, anseio de ou desejo de se vingar do que se foi correspondem, nessa perspectiva, a querer anular o caráter de impermanência da vida. Para Nietzsche, não é possível corrigir ou salvar o passado porque é no instante em que se vive. O que não significa que aquilo já transcorrido não pese sobre o que acontece e pode acontecer. Porém, sendo a vida dinâmica, culpar o que passou é querer tornar estática a fluidez das coisas. “Redimir o que passou e transmutar todo ‘Foi’ em ‘Assim eu quis!’ – apenas isto seria para mim a redenção” (Nietzsche, 1883/2018, p. 134). A redenção que Nietzsche menciona não é resignar-se, mas a aceitação de que a todo instante temos que nos relacionar com o aspecto temporal da vida, pois ela sempre muda. Desta forma, esquecer é estar na contramão do ressentimento, o qual sempre salienta o lembrar.

Para o pensador, esquecer não é essencialmente indício de degenerescência cognitiva, de ocultamento da consciência, doença mental, desrespeito moral ou incapacidade acumulativa. Como pretendemos demonstrar mais à frente, Nietzsche ensina que esquecer é poder encontrar o novo até naquilo que se repete (Nietzsche, 1878/2005).

O grande desafio em estabelecer o estatuto do esquecimento como digno gesto afirmador da vida em sua inconstância é, segundo o Zaratustra de Nietzsche (1883/2018), não recair nas amarras do ressentimento. Para o pensador, a cultura ocidental herdou matrizes de pensamento que, uma vez inconformadas com a inconstância do existir, buscaram atribuir ao viver um caráter vazio e pobre, exaltando, portanto, buscas ascéticas por um mundo de constância, felicidade, determinação e certeza; valores milenares da tradição que Zaratustra (Nietzsche, 1883/2018) compara a um grande dragão.

Apesar de Nietzsche referir-se à Europa, suas reflexões também alcançam, em certa medida, o *modus operandi* da cultura ocidental moderna, marcada pelos resquícios da filosofia platônica e da religião cristã. O dragão, que em Nietzsche representa os valores com toda sua imponência, põe o homem como responsável por carregar o fardo dos deveres morais, tal como um camelo que mede sua força com o quão maior é a carga que sobre si consegue suportar. Já que em uma moral moderna a obrigação com o fardo é de carregá-lo, e seu peso equivale aos valores, estes não podem ser abandonados, não podem ser esquecidos. Nietzsche pretende mostrar que a relação com o passado e seus valores não precisa ser um

fardo porque, em última instância, nem mesmo tudo precisa ser carregado, ou melhor dizendo, nem tudo precisa ser lembrado. É permitido esquecer!

Nas figuras mencionadas por Zaratustra (Nietzsche, 1883/2018): leão, camelo e criança, se por um lado o camelo mede sua força pela quantidade de peso que suporta, o leão seria aquele que tentaria contrariar a tradição buscando afirmar o seu querer. Contudo, o oposto de algo é apenas sua inversão, pois ainda se permanece na mesma lógica do que se almeja opor. Apesar do leão apresentar-se como resistência, não é pela força que o novo surge, pois “Criar valores – tampouco o leão pode fazer isso” (Nietzsche, 1883/2018, p. 26). Nesse aspecto surge a figura da criança apresentada pelo Zaratustra nietzschiano. Como ele explica, “Inocência é a criança, e esquecimento; um novo começo, um jogo, uma roda a girar por si mesma, um primeiro movimento, um sagrado dizer-sim” (Nietzsche, 1883/2018, p.26). A criança, ao esquecer, desloca-se das fórmulas para propiciar o inédito. Ao dizer sim “para o jogo de criação” (Nietzsche, 1883/2018, p. 26) a existência irrompe como fluxo de indeterminação, possibilidade e, por conseguinte, rearticulação de sentidos.

A memória e, em particular, o esquecimento ganham com as considerações de Nietzsche um olhar que busca contemplar as nuances valorativas dos saberes sobre o lembrar e o esquecer. Dentre essas nuances cabe ressaltar o não poder esquecer como ressentimento.

Nietzsche considera (1887/2009) o não poder esquecer como análogo ao não conseguir digerir, isto é, aquele que não esquece, ao se ressentir, é como um “dispéptico” (p. 43). Em Nietzsche, o tema do ressentimento está fortemente vinculado com a dificuldade de esquecer, o que propicia um modo de sofrimento auto infligido, como se houvesse uma fixação da vida em determinado aspecto que não permite mudanças para além do tormento. O filósofo escreve: “nenhuma chama nos devora tão rapidamente quanto os afetos do ressentimento. O aborrecimento, a suscetibilidade doentia, a impotência de vingança, o desejo, a sede de vingança; o revolver venenos em todo sentido” (Nietzsche, 1888/2008, p. 28).

A lembrança se engrandece a tal ponto que passa a ditar os modos como se vive no presente. Os ressentidos, de acordo com Nietzsche, “rasgam as mais antigas feridas, eles sangram de cicatrizes há muito curadas” (Nietzsche, 1887/2009, p. 109). Desta forma, o grande perigo para esse mal é que ele busca sarar a si mesmo enaltecendo ainda mais o que o adoece. Dito de outro modo, o desejo de entorpecer uma dor faz com que o ressentido anseie encontrar uma causa e um sentido para seu sofrimento. O ser humano adoece de si mesmo, pois recorre à necessidade de lembrar para tentar apaziguar seu descontentamento. O que Nietzsche almeja destacar concerne a não desprestigiarmos o esquecimento, pois “não poderia

haver felicidade, jovialidade, esperança, orgulho, *presente*, sem o esquecimento” (1887/2009, p. 43). Para Nietzsche, esquecer não se tipifica como gesto desvantajoso, pelo contrário: para ele “esquecer é uma força, uma forma de saúde *forte*” (Nietzsche, 1887/2009, p. 43). Não patologizar o esquecimento é reconhecer que a memória, independente do fato de esquecer ou lembrar, não precisa ser entendida como detendo um aspecto em si própria, pois corresponde a um modo de se relacionar com a vida em sua transitoriedade. Para que o novo surja, o antigo por vezes precisa ser destruído. O que não significa lançar fora as peças de uma construção, mas talvez mudar a disposição que, até então, ordenava a sua forma.

Destruir, ceifar, golpear, dinamitar, esquecer fixações de situações anteriormente experimentadas são apontamentos recorrentes nas reflexões de Nietzsche, bem como são expressões recorrentes na ação clínica, quando o paciente não consegue a retomada da vida, alegando que não pode esquecer uma experiência passada. O debate, tanto presente no filósofo quanto na relação clínica, fica em torno das orientações que buscam afirmar que para algo novo surgir, algo antigo não pode permanecer inabalado.

Há um aforismo que talvez sintetize a concepção nietzschiana sobre o esquecimento e a criação. É o aforismo 580 do primeiro volume da obra intitulada *Humano, demasiado humano* (Nietzsche, 1878/2005), chamado *Memória ruim*: “A vantagem de uma memória ruim é poder fruir as mesmas coisas boas várias vezes pela primeira vez.” (Nietzsche, 1878/2005, p. 250). Podemos entender que, segundo Nietzsche, quem esquece tem a oportunidade de viver algo inédito, pois, apesar de já ter vivido, pelo esquecimento a experiência pode acontecer de modo diferente e, portanto, de maneira nova.

Notamos que há algo irônico no aforismo 580 quando comparamos o título e seu conteúdo. Uma memória que é ruim pode ser vantajosa no que diz respeito a coisas boas. Nesse trecho, a palavra memória aparenta significar lembrança, isto é, capacidade de evocar informação, de modo que uma *memória ruim* seria o esquecimento, ou seja, o gesto de não retomar o já ocorrido. Parece que Nietzsche vale-se de uma concepção corrente em que a lembrança é a boa memória e o esquecimento é sinônimo da má memória para, em seguida, inverter a desconcertante lógica habitual, demonstrando que os valores estabelecidos sobre o lembrar e esquecer são incapazes de contemplar a experiência da memória, uma vez que o bom ou o ruim não estão estritamente atrelados ao lembrar e esquecer em si mesmos. Ao se operar uma dicotomização entre lembrar e esquecer, melhor e pior, bom e ruim perdemos as nuances das particularidades existenciais.

Além do título e do conteúdo, outro detalhe importante é o modo como o esquecer é descrito. Aquele que esquece e é tomado pela dita memória ruim possui a vantagem de viver

algo bom várias vezes pela primeira vez. Destacamos que o filósofo não escreve como se fosse pela primeira vez. Para Nietzsche (1878/2005), aquele que esquece frui as coisas boas sempre pela primeira vez. É no esquecimento que até o que se repete não se torna o mesmo. De modo menos filosófico, porém não menos sensível, podemos recorrer ao que escreve Barros (2016): “Repetir repetir – até ficar diferente” (p. 16). O inédito se mostra tangível na repetição pelo fato de a existência dar-se inescapavelmente no tempo, o qual se apresenta como mudança.

Já estava presente nos gregos originários a defesa de que tudo na *physis* é movimento, renovação. Heráclito defende o movimento das coisas em que tudo na existência encontra-se em transformação. Para compreender a concepção de eterna renovação da *physis*, não podemos ignorar a influência do pensamento do antigo filósofo grego Heráclito em Nietzsche (Fink, 1988). Enquanto para outros pré-socráticos havia elementos como fundamento da *physis* – como ar, água, fogo dentre outros – para Heráclito o mais elementar que existe é o próprio tempo, isto é, o fluxo das coisas, a inconstância, o devir. Segundo essa linha de pensamento, a todo instante passamos por mudanças, as quais independem da vontade humana. Elas simplesmente ocorrem e nelas estamos lançados. O grego escreve em um fragmento: “no mesmo rio entramos e não entramos; somos e não somos” (Heráclito, 1991, p. 71). Ao entrarmos em um rio, nem nós, nem o próprio rio seríamos os mesmos, pois tudo muda a cada instante. As células da nossa pele renovam-se, nosso estado corporal e emocional muda, assim como nosso ânimo e o próprio fluxo das águas do rio. Essa parece ser a marca do tempo que Heráclito aponta. Quando lembramos sobre algo no passado, faz-se esse gesto no presente. O recordar traz aspectos pretéritos. O mesmo ocorre com a expectativa que embora seja presente aponta para o tempo futuro. O próprio presente é passagem, é instante.

Com a defesa da eterna mudança, podemos entender que tudo na natureza atualiza-se. No entanto, no homem há uma tendência que se apresenta no sentido de não deixar atualizar e, por isso, ele pode não esquecer. Isso no homem escaparia ao fluxo natural das coisas? O que estamos afirmando é que há apenas o presente? O passado e futuro são meras ilusões ou falhas na percepção humana?

Presumir que a experiência de tempo se dá a partir da percepção é entender que é o homem que posiciona o tempo, do mesmo modo que pensar que esquecer e lembrar dependem da vontade do homem. A situação do rio descrita por Heráclito retira do homem essa posição central que ele adquiriu no mundo moderno com o advento do humanismo. Ainda com relação ao tempo, Heráclito aponta para o fluir temporal da existência em que até mesmo o instante se encontra em uma mudança constante, independente da vontade humana,

ao contrário, o homem também se encontra nessa fluência. Com isso, queremos verificar o que acontece a determinada pessoa ao não deixar fluir um evento do passado e, em função disso, não poder esquece-lo. É por esse motivo que precisamos dialogar com Nietzsche.

O Diálogo de Nietzsche com a Clínica Psicológica é Possível?

Escrever sobre e com a filosofia de Nietzsche para tentar estabelecer um diálogo com a psicologia clínica é um grande desafio. É verdade que o próprio Nietzsche não era filósofo de formação, mas sim filólogo como já mencionamos. Porém, isso não diminui a responsabilidade de quem se propõe a ser seu interlocutor em dominar conteúdos filosóficos. Como imergir em um pensamento que, de antemão, avisa que sua compreensão é um desafio? Como dialogar com quem diz escrever para toda gente e para ninguém? Como entender quem escreve sobre a moral para além do bem e do mal? Como não se surpreender com o tom quase profético de quem, no século XIX, já dizia que os posteriores não o conseguiriam entender; alguém que investigava demasiado o humano e que, apesar disso, escreveu: “Eu não sou um homem, sou dinamite.” (Nietzsche, 1888/2008, p. 102)? Para fazer uma aproximação com o pensamento nietzschiano, temos que estar atentos ao que o próprio pensador indica ser necessário para a compreensão de seus textos.

De acordo com Nietzsche (1872/2019), há três qualidades que seus leitores precisam possuir: não podem ter pressa ao ler seus textos; não podem querer trazer preconceitos para a leitura; e por fim, não devem querer encontrar novas diretrizes conclusivas nos escritos. Dessa forma, podemos conquistar uma leitura, seja ela calma, paciente ou reflexiva. Com esse alerta do filósofo, concluímos que teremos que abrir mão de nossos conhecimentos científicos previamente adquiridos sobre o esquecimento.

Talvez o maior desafio ao ler Nietzsche seja não buscar novos tabelamentos morais diante de tudo que o pensador busca desconstruir. No entanto, apesar de não procurarmos novas respostas no filósofo, buscamos novos *insights* daquilo que suas obras apresentam. Não propriamente um pensamento nietzschiano aplicado na clínica, que sempre precisaria se reportar às convicções do pensador alemão. Segundo Nietzsche (1878/2005, p. 265), “*temos de nos tornar traidores, praticar a infidelidade, sempre abandonar nossos ideais*”. Encarnado na figura do profeta persa, Nietzsche expressa que não almeja discípulos, mas sim companheiros (1883/2018). Quer conversar com aqueles bem dispostos, que o sigam em seu raciocínio “porque querem seguir a si mesmos” (Nietzsche, 1883/2018, p. 23). Zaratustra não quer formar um rebanho, quer desagregar o rebanho! Quer repensar valores, criar novos

modos de estar no mundo. “Companheiros é o que busca o criador” (Nietzsche, 1883/2018, p. 23).

Assim sendo, queremos ser companheiros do filósofo e sermos fiéis a ele em nossa infidelidade. Ao estudar outros modos de apreender o sentido do esquecimento junto a ele, pudemos encontrar o que há de indicativo para o exercício de uma clínica fenomenológico-existencial, que busca se desvincular de orientações psicológicas normativas, reguladoras e reducionistas. Esse exercício de pensamento exige estar disposto a ceifar as bases antigas para que novas sejam semeadas. Seguir o pensamento de Nietzsche é estar disposto, talvez paradoxalmente, a não o seguir em sua íntegra, mesmo porque uma reflexão não tem compromissos com ideias eternas e imutáveis. Com isso, concluímos que dialogar com Nietzsche muito pode contribuir e ampliar a compreensão daquilo que acontece na relação clínica, como veremos a seguir.

Primeiramente, junto a Nietzsche aprendemos a assumir uma postura consoante diante da inconstância do existir, que exige que prescindamos de normas, predileções intelectuais, ordenações sistêmicas e obediência cega. Apreendemos a escutar o que nossa experiência na clínica tinha a nos dizer. Acompanhar a experiência foi o que nos ensinou o filósofo. Podemos afirmar que as reflexões do pensador junto a nossa experiência clínica possibilitaram-nos uma caminhada tranquila por situações em que o não esquecer aparecia com muita potência.

Não há dúvida que não esquecer passa a ser um grande desafio para o psicólogo clínico. Também sabemos que, de vários modos, as outras perspectivas em clínica psicológica tentam alcançar a questão para poder dissolvê-la, como, por exemplo, contra condicionar ou buscar a verdade escondida. Em nossas experiências clínicas, nas quais o esquecimento aparecia com muita força, alguns pacientes localizavam o trauma em uma experiência passada, ou seja, era algo que não conseguiam deixar no pretérito, atualizando-a incessantemente. Foi entender o lugar do não esquecer como uma experiência de ressentimento e que, de alguma forma, oferece ao ressentido uma justificativa para não poder seguir adiante, que nos deu abertura para, no exercício da clínica, poder exercitar a apropriação das próprias justificativas do paciente para permanecer nesse lugar, que no final das contas, traz sofrimento.

Na atuação clínica, diante das situações nas quais o paciente não pode esquecer, sabemos de nossa impotência, por isso não buscamos apontar que foi alcançada uma cura ou um método infalível para tratar o sofrimento existencial. O que fazemos é primeiramente desconstruir a noção de trauma, e assim ficarmos livres para que uma intervenção

psicoterápica, nesse tipo de situação, não precise recorrer sempre ao imperativo de lembrar para curar, mas sim que esquecer pode constituir um modo de se rearticular com a dor, não necessariamente solapando-a. Esquecer pode ser a possibilidade de transformar o sofrimento da dor em algo desafiadoramente diferente, algo até como um sorriso no lugar das lágrimas de inconformidade (Formigosa, 2022).

O tema do esquecimento em Nietzsche como algo que poderia estar em consonância com uma situação de atendimento clínico deu-se pelo fato do pensador alemão associar o mencionado conceito à possibilidade de novo encontro sadio de si, de modo que saúde, doença, cura e alegria não estão situadas em planos ideais de modos estáticos do bem ou mal-estar humano. Dor não é algo, segundo Nietzsche (1882/2012), imutável e determinante na vida, bem como a alegria não é um estado fantástico que, uma vez alcançado, nunca mais se perde. Alegria, algo que interessa bastante ao pensador, só pode ser adquirida na conquista, no processo do viver que inescapavelmente precisará percorrer a dor e a tristeza.

A relação entre dor e alegria que muito tem a contribuir para o que discutimos sobre o esquecer e a saúde está no livro intitulado *A Gaia Ciência* (Nietzsche, 1882/2012). Nessa obra, encontramos o pensamento de um convalescente, alguém que após longo período de doença física pôde deparar-se com modos outros de apreender saúde. Esta última, como algo muito além do bom funcionamento do corpo orgânico, ao mesmo tempo que extrapola os membros físicos, alcança o mais visceral de um corpo. O corpo como grande unidade da relação inseparável do homem com o mundo onde está inserido. Corpo como a grande razão, como dirá o Zaratustra nietzschiano (Nietzsche, 1883/2018). Nesse corpo – que o humano está lançado ao desafio diário das tensões do viver – reside a possibilidade de esquecer como modo de bem-estar. “Pois sadio é quem esquece” (Nietzsche, 1882/2012, p. 19), escreve o filósofo buscando contrapor o estado que anteriormente era entendido como o de sua doença.

A Gaia Ciência (Nietzsche, 1882/2012) é um escrito importante para entender como o filósofo conjuga dor e alegria, conhecimento e leveza, profundidade e zombaria. O próprio termo faz alusão a algo muito particular. De origem provençal, idioma falado já no período medieval pelos poetas trovadores, esse *gai saber* (*gaya scienza*) é um saber alegre, que se referia ao saber designado tanto para a habilidade técnica quanto para a arte poética e musical necessária para o trovador realizar sua arte. Aquela “unidade de *trovador, cavaleiro e espírito livre*” (Nietzsche, 1908/2008, p. 78) é para o pensador a possibilidade da crítica do conhecimento que não necessariamente o nega, mas o aceita de modo feliz, alegre, zombeteiro, afirmando o caráter estético da existência em um plano puramente imanente, isto

é: abandonando as amarras da metafísica em nome da afirmação da vida tal como ela se mostra.

Conciliar dor e alegria é possível pela legitimação de uma *ciência alegre* (*fröhliche Wissenschaft*, como no título original do livro mencionado), segundo Nietzsche (1908/2008). Essa ciência, que se insere em um pensamento crítico, permite o esquecimento como gesto de saúde, como gesto de afirmação da dor como caminho possível para a alegria e a boa saúde, ou melhor, como *grande saúde*, “uma nova saúde, mais forte alerta alegre firme audaz que todas as saúdes até agora” (Nietzsche, 1882/2012, p. 258). Saúde não como resignação, apenas aceita em conformidade à própria fragilidade, mas sim como alegria transformada, que consegue rir apesar da vida humana ser marcada pela transitoriedade e fatalidade. Uma saúde “tal que não apenas se tem, mas constantemente se adquire e é preciso adquirir, pois sempre de novo se abandona e é preciso abandonar [...]” (Nietzsche, 1882/2012, p. 259), assim como o esquecimento para aquele que almeja a cura.

Nas situações clínicas em que o esquecimento é permitido, melhor dizendo, em que não há a obrigatoriedade da lembrança como caminho para a cura psicoterapêutica, categorias diagnósticas, como estresse pós-traumático (DSM-5-TR, 2023), podem ser trabalhados de modo não normativo ou reparador. Em Nietzsche, esquecimento não é entendido depreciativamente como degenerescência, ocultamento da consciência, incapacidade cognitiva, desrespeito moral, confusão psíquica ou doença mental. Esquecer-se no sentido nietzschiano é gesto de abertura para o fluxo irrefreável do tempo e de nosso atravessamento no mesmo; lidar com o trauma no pensamento de Nietzsche, em diálogo com a clínica, é aceitar que a rearticulação de uma experiência possa acontecer quando não há a obrigatoriedade de lembrar-se nem de se esquecer.

Aceitando que vida comporta dor e alegria é que podemos compreender a dinâmica do lembrar e do esquecer, sem se fixar em um ou outro, como algo que permite também estar sadio – como descrito por Nietzsche. É por esse caminho reflexivo que a clínica, a nosso ver, tem muito a se beneficiar em seu exercício. As contribuições que buscamos nas conversas com o filósofo vem desse modo de pensar a dinâmica existencial humana, na qual a dor pode pungir como alegria.

Considerações Finais

Esquecer em Nietzsche expressa um modo de relação com o tempo que não apaga o que se foi, ao contrário, contempla o já passado reinventando-o prescindindo do ressentir-se. O esquecimento nietzschiano parece conter uma ambiguidade, isto é, incorpora o esquecido à possibilidade de lembrança. Na verdade, a aparente ambiguidade é expressão da polissemia do pensamento de Nietzsche, em que a memória não é atravessada pela fenda que separa por um lado o esquecimento e do outro, a lembrança. Para o pensador, esquecer e lembrar fazem parte de uma mesma dinâmica existencial, já que esquecer pode não ser um mero apagamento mnemônico, pode ser recriação. Lembrar como não sendo uma mera retomada conteudista de informações, mas também uma conciliação com o passado. Nessa dinâmica existencial do poder esquecer, o ressentimento não se sustentará. Do mesmo modo que poder lembrar pode nos conduzir ao perdoar e, portanto, não ruminar ressentimentos.

O que o filósofo alemão nomeia de esquecimento é uma apreensão do tempo que o afirma como devir, que nos toma e nos permite um recomeço, a chance da primeira vez que nunca tarda, porque tempo não é algo que a si mesmo se antecipe, se atrase ou se mantenha constante. O tempo apenas nos atravessa em seu fluir. A condição de existir garante que o existente possa deslocar-se espacial e temporalmente com as vicissitudes do existir, isto é, conciliar a dor e a alegria como traços do que faz a vida se mostrar tal como ela é: imprevisível, inconstante e inelutável.

A psicologia clínica de bases fenomenológico-existenciais está interessada em tentar acompanhar os modos de ser em seu próprio desvelar, sem interpretações, sem predições, sem instrumentalizações ou qualquer modo de antecipação daquilo que só a escuta clínica permite desvelar. O rigor do pensamento fenomenológico-existencial está na sua análise crítica da própria epistemologia que fundamenta os saberes psicológicos, para encontrar em outras bases a possibilidade que compreende a existência na inconstância que ela mostra. Nesse sentido, a filosofia do pensador Friedrich Nietzsche nos é muito cara, já que todo seu projeto filosófico aponta para a subversão das orientações morais, epistemológicas, políticas, artísticas etc. que tentam atribuir à existência um caráter eterno e imutável.

Uma ‘grande dor’, como Nietzsche nomeia (1882/2012), pode ensinar novos modos de entender a alegria. De acordo com ele (Nietzsche, 1882/2012), de modo algum isso é uma fórmula para a felicidade. O filósofo escreve: “Duvido que uma tal dor ‘aperfeiçoe’ —; mas sei que nos *aprofunda*.” (Nietzsche, 1882/2012, p. 13). Nietzsche não quer ensinar com o esquecimento que é preciso a resignação. Para o pensador alemão, resignar-se é ser passivo e

pessimista, não é o niilismo que ele defende, mas a afirmação da vida em sua completude caótica, que abarca o absurdo existencial e a possibilidade da alegria, apesar da vida ser contingente e marcada pela fatalidade. Por fim, a clínica com bases fenomenológico-existencial defende que lá onde se encontra a dor pode pungir também a alegria. E ainda que alegria e dor não são estados permanentes do existir, já que existência é eterna fluência.

Concluimos que é possível, em um diálogo com Nietzsche, pensar em um exercício clínico que amplie uma perspectiva compreensiva na Psicologia, mantendo o rigor presente no pensamento filosófico. Cabe lembrar que, para tanto, é preciso ser fiel ao filósofo na medida de uma infidelidade para nesse caminho ganharmos liberdade em nosso exercício clínico.

Referências

- American Psychiatric Association. (2023). *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: Texto Revisado* (5a ed.). Artmed.
- Barros, M. (2016). *O livro das ignoranças*. Alfaguara.
- Eysenck, M. W., & Keane, M. T. (2017). *Manual de psicologia cognitiva* (7a ed.). Artmed.
- Feijoo, A. M. (2014). Confissão e cura pela revelação da verdade escondida: É o objetivo da clínica psicológica. *Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies*, 20(2), 221-227. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672014000200010
- Feijoo, A. M. (2017). *Existência & psicoterapia: Da psicologia sem objeto ao saber-fazer na clínica psicológica existencial*. Edições Ifen.
- Fink, E. (1988). *A filosofia de Nietzsche* (2a ed., J. L. D. Peixoto, Trad.). Editorial Presença.
- Formigosa, F. B. C. (2022). *É permitido esquecer! Nietzsche e a clínica fenomenológico-existencial*. Edições IFEN.
- Heidegger, M. (1959). *Serenidade*. (M. M. Andrade & O. Santos, Trans.). Instituto Piaget.
- Heidegger, M. (1998). *Ser e tempo*. (M. S. Cavalcanti, Trad.). Vozes. (Obra original publicada em 1927)
- Heráclito. (1991). Fragmentos. In E. C. Leão & S. Wrublewski (Trans.), *Os pensadores originários: Anaximandro, Parmênides, Heráclito* (pp. 57-93). Vozes.
- Nietzsche, F. W. (2003). *Segunda consideração intempestiva: Da utilidade e desvantagem da história para a vida* (M. A. Casanova, Trad.). Relume Dumará. (Obra original publicada em 1884)

- Nietzsche, F. W. (2005). *Humano, demasiado humano: Um livro para espíritos livres* (Vol. 1, P. C. Souza, Trad.). Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1878)
- Nietzsche, F. W. (2007). *O nascimento da tragédia ou o helenismo e pessimismo* (J. Guinsburg, Trad.). Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1872)
- Nietzsche, F. W. (2008). *Ecce homo: Como alguém se torna o que é* (P. C. Souza, Trad.). Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1888)
- Nietzsche, F. W. (2009). *Genealogia da moral: Uma polêmica* (P. C. Souza, Trad.). Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1887)
- Nietzsche, F. W. (2012). *A gaia ciência*. (P. C. Souza, Trad.). Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1882)
- Nietzsche, F. W. (2014). *Crepúsculo dos ídolos ou Como se filosofa com o martelo* (J. L. Viesentein, Trad.). Vozes. (Obra original publicada em 1889)
- Nietzsche, F. W. (2018). *Assim falou Zaratustra: Um livro para toda gente e para ninguém* (P. C. Souza, Trad.). Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1883)
- Nietzsche, F. W. (2019). *Cinco prefácios para cinco livros não escritos* (4a ed., P. Süsskind, Trad.). 7 Letras. (Obra original publicada em 1872)

Endereço para correspondência

Flávio Breno Cruz Formigosa

Rua Dr. Antônio Ciuffo, 136, 201 fundos, Fonseca, Niterói - RJ, Brasil. CEP 24120-330

Endereço eletrônico: brenocruz.uerj@outlook.com

Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Departamento de Psicologia Clínica, Instituto de Psicologia

Rua São Francisco Xavier, 524, Maracanã, Rio de Janeiro - RJ, Brasil. CEP 20550-013

Endereço eletrônico: ana.maria.feijoo@gmail.com

Recebido em: 07/06/2022

Reformulado em: 19/07/2023

Aceito em: 27/07/2023

Notas

* Psicólogo, mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

** Professora do Departamento de Psicologia Clínica e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Financiamento: A pesquisa relatada no manuscrito foi inspirada em pesquisa de mestrado financiada pela bolsa CAPES do primeiro autor.

Este artigo de revista **Estudos e Pesquisas em Psicologia** é licenciado sob uma *Licença Creative Commons Atribuição-Não Comercial 3.0 Não Adaptada*.